Métodos e processos do ensino da leitura e da escrita (para o curso supletivo)

Leodegário Amarante de Azevedo Filho[1]

Prólogo

A tese, que o autor apresenta ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado na Capital da República de 9 a 16 de julho de 1958, intitulada **Métodos e Processos do Ensino da Leitura e da escrita**, procura demonstrar, após o estudo histórico dos principais processos de ensino da leitura e da escrita filiado aos métodos sintéticos e analíticos , - que, para o curso supletivo, o melhor processo para o ensino da leitura é o da *palavração* (filiado ao método analítico), e para o ensino da escrita os melhores são os processos que aplicam, em sua técnica ,os princípios da moderna psicologia da aprendizagem, sugeridos por vários autores, sendo o de Freeman o que preferimos.

A tese, como se verifica, reage contra os antigos processos sintéticos e empíricos, propondo novas técnicas de aprendizagem. Para isso, estuda os principais métodos e processos, - antigos e modernos, a fim de demonstrar que os melhores, para o curso supletivo de adolescentes e adultos, são os que acima foram mencionados.

Convém assinalar que o autor não é contrário ao processo da *sentenciação,* usado com êxito em numerosas escolas primárias. o sem ponto de vista, porém, é que o processo da *sentenciacão*, aplicado ao ensino primário de crianças, não é superior ao da palavração, para o ensino supletivo de adolescentes e adultos.

Com efeito, o processo da *sentenciação,* muitas vezes, reclama organização de classes seletivas, com crianças superdotadas, critério que não se adota em nossos cursos supletivos. Além disso, no próprio ensino primário de crianças, o processo da *sentenciação*, ao nosso ver, não supera o da *palavracão*, pois este último é mais largamente adotado, e com êxito. O motivo disto talvez esteja no desconhecimento da técnica do processo da *sentenciacão*, e na divulgação maior da técnica do processo da palavração. Em resumo: somos de opinião favorável a ambos os processos, mas preferimos o da palavração no caso do ensino supletivo, não só por ser mais generalizada a sua técnica, mas também por falta de organização de turmas ou classes seletivas, neste ramo de ensino. Ambos os processos, porém, são magníficos, porque ambos se filiam ao método analítico, ou seja, ao método que se baseia nos princípios da moderna psicologia da aprendizagem.

Eis o que, como prólogo, pretendia comunicar aos dirigentes do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, caracterizando a tese aqui apresentada.

Funções formativa e informativa da escola

A aprendizagem da leitura e da escrita, assim nas escolas primarias brasileira, como nas escolas de outros países, sempre constituiu assunto de primordial interesse. No entanto, tal aprendizagem não é, como muitos supõem, a finalidade única e exclusiva desse ramo de ensino. E que, além dos trabalhos rudimentares de alfabetização, a escola possui

[1] Professor do Curso Primário Supletivo da PDF; Professor do Colégio Pedro II; Bacharel e Licenciado em Línguas Neo Latinas pela Faculdade de Filosofia da UDF; Bacharel em Direito.

ampla função socializadora. Por isso mesmo, seria erro confundir o interesse geral da educação com o ensino elementar das primeiras letras. A tarefa é mais ampla, já que a alfabetização não passa de um círculo menor, dentro de outro maior, que é a educação. É nesse sentido, aliás, que tem significação o seguinte parecer do Prof. M. B. Lourenço Filho: "Alfabeto e cultura não são sinônimos e, muito menos, alfabeto e educação. Por esta, temos que entender adaptação convinhável ao tempo e ao meio, orientação das novas gerações aos problemas da vida presente, já nos seus variados aspectos de defesa da saúde, de produção e circulação de riqueza, já nos de equilíbrio e melhoria das instituições sociais. Ajustamento, enfim, às possibilidades e necessidades de cada região, com respeito aos quadros do tempo, ou educação de base, como o define a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura."**(1).**

Será fácil concluir, portanto, que a escola, antes de ser informativa, apresenta uma função formativa de grande importância pois que dela depende o menor ou maior ajustamento das novas gerações aos padrões de cultura da civilização em que vivem.

Do exposto, chega-se à conclusão de que, se tudo isso é verdadeiro para o ensino primário de crianças, por mais forte razão há de ser também para o ensino supletivo de adolescentes e adultos, em que os problemas de ajustamento social assumem aspectos do maior interesse e da mais alta importância. Nem o ensino primário de crianças, nem o ensino supletivo de adolescentes e adultos, por conseguinte, podem restringir-se à simples ação informativa, em virtude da gravidade dos problemas formativos, que ai existem, reclamando pronta e adequada solução.

Os níveis de maturidade no ensino da leitura e da escrita

A aplicação dos princípios da psicologia aos problemas da educação suscitou, desde cedo, um problema de grande interesse no ensino da leitura e da escrita o problema da verificação do nível de maturidade necessário à aprendizagem dessas técnicas elementares. Os testes A B C de Lourenço Filho, preparados adredemente para o ensino primário de crianças, surgiram daí, e, desde cedo, lograram obter ampla aceitação, não só no Brasil, mas também no estrangeiro. **(2).** São testes cuidadosamente selecionados, com o fim de verificar a maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, além de possibilitarem a organização de classes seletivas e de fornecerem seguros e precisos diagnósticos individuais.

São, atualmente, em número de 8 (oito), os testes A B C:

1º) Cópia de três figuras, entre as quais um quadrado e um losango. Este primeiro teste destina-se a medir ou avaliar a coordenação visual-motora do aprendiz.

2º) Nomear 7(sete) figuras: caneca, chave, sapato, laranja, automóvel, gato e mão, apresentadas ao aprendiz, em conjunto, durante 30 segundos. Este teste destina-se a medir a memória visual do aprendiz, bem assim a sua capacidade de atenção dirigida.

3°) Reprodução de movimentos típicos. Este teste destina-se a medir a coordenação visual-motora do aprendiz, e ainda a sua resistência à inversão na cópia de figuras.

4º) Reprodução oral de palavras de uso corrente, a saber: árvore, cadeira, pedra, cachorro, flor, casa e peteca. Este teste destina-se a medir a memória auditiva, e a resistência que o aprendiz oferece à ecolalia.

5º) Reprodução de curta narrativa. Este teste destina-se a medir o índice de atenção dirigida, além do vocabulário e a compreensão geral do aprendiz.

6º) Reprodução de palavras que não são do vocabulário comum. Este teste destina-se a medir a coordenação, auditivo-motora, a capacidade de prolação, bem assim a resistência à ecolalia.
7º) Recorte de figuras, desenhadas num papel. Este teste destina-se a medir a coordenação visual-motora, índice de fadiga e índice de atenção dirigida do aprendiz.
8º) Marcação de pontinhos em uma folha quadriculada. Este teste destina-se a medir o índice de fadiga e de atenção dirigida do aprendiz **(3)**.

Convém assinalar que os resultados, obtidos com a aplicação dos testes A B C, tanto no Brasil como no estrangeiro, muito têm concorrido para a melhoria do ensino.

Os níveis de maturidade no ensino de adolescentes e adultos

Os trabalhos de verificação do nível de maturidade necessário à aprendizagem da leitura e da escrita, importantíssimos no ensino primário de crianças em idade pré-escolar, não se verificam no ensino supletivo de adolescentes e adultos. E os motivos são de fácil compreensão: é que os adolescentes e adultos do ensino supletivo, normalmente, apresentam níveis de maturidade mais elevados que os níveis de maturidade das crianças. Eis o que, sobre o assunto, afirma o Prof. M. B. Lourenço Filho: "O primeiro ponto que deveis ter em mente é que ensinar a adolescentes e a adultos é mais fácil do que ensinar a crianças, mais rápido, mais simples. Esta é uma das conclusões de inúmeras experiências feitas nos mais diversos países, com absoluto rigor científico. De modo geral, pode-se ensinar a um adolescente, ou adulto, na metade do tempo necessário ao ensino da criança. E é fácil perceber por quê: as crianças estão ainda em crescimento, são menos capazes de esforço continuado e de atenção concentrada; não possuem desenvolvimento de certas capacidades, de vocabulário, de experiência real da vida. Por outro lado, não podem ter perfeita compreensão de ordem no trabalho, pois agem por impulsos do momento. Ao contrário, o adolescente, ou adulto, que procura uma escola, como que assume consigo mesmo o compromisso de aprender bem e depressa."**(4).**

Será fácil concluir, portanto, que os adolescentes e adultos apresentam níveis de maturidade bem mais elevados que os níveis de maturidade de crianças em idade pré-escolar ou escolar. É uma vantagem que o ensino supletivo apresenta em relação ao ensino primário de crianças, não há dúvida. No entanto, há inconvenientes no ensino de adolescentes e adultos, que não existem no ensino de crianças, e que também foram assinaladas pelo prof. M. B. Lourenço Filho: "E que, possuindo assim maior capacidade mental, ou capacidade para aprender mais rápida e facilmente, o adolescente analfabeto e, sobretudo o adulto analfabeto, sente-se multas vezes desencorajado, por temor de que não possa aprender ou de que esteja sempre errando nas lições, de que sirva de motivo para zombaria e crítica, Diz-se que ele tem um "sentimento de inferioridade", isto é, que se julga inferior aos demais, aos que saibam ler; ele se envergonha disso, diante do próprio mestre, que lhe parece sempre e em tudo "superior" a ele",**(5).**

Já se vê, por tudo isso, que o mestre deve conhecer esse "sentimento de inferioridade", para que possa, através de estímulos e constante ação motivadora, ir exercendo ação verdadeiramente educativa sobre seus alunos. E será preciso mais: será preciso não deixar que o adulto abandone a escola, baseado no falso pressuposto de que "é velho demais para aprender".

A importância do papel do mestre no ensino das primeiras letras

Por tudo o que aí fica, será fácil concluir que a ação do mestre assume papel da maior importância no ensino das primeiras letras, não sendo exagero afirmar-se que as suas qualidades pessoais constituem a principal fonte motivadora do trabalho didático. E o que diz Mme. Boschetti, citada por Ad. Ferriere: "E o professor quem cria o ambiente numa classe. O ambiente vale o que valer o professor; isto alegra-me e, ao mesmo tempo, aterra-me. Varia com as suas variações individuais, mais nervosas se ele é nervoso, mais calmas se ele e calmo; é como que a transfusão, no ar que os alunos respiram, daquilo que o professor é no mais recôndito do ser ..."**(6)**. Sobre o assunto, afirma ainda o Prof. Lourenço Filho: "Pode-se ensinar a ler bem, metodicamente, levando a criança a finalidade exata e perfeita do aprendizado, sem prejuízo algum de seu desenvolvimento, por mil e um modos. A própria silabação pode ser empregada como ponto de partida, com tais artifícios de motivação, que dê esse resultado. Mas não há uma máquina que ensine a ler, nem cremos que possa ser inventada. Há artistas que o fazem com maiores ou menores recursos de aplicação cientifica ou de intuição natural, isso sim."**(7)**.

Será fácil concluir de tudo isso que o melhor método de ensino, colocado nas mãos de um mau professor, de nada valerá ou pouco valerá. Por outro lado, um bom mestre, ainda que lidando com métodos e processos arcaicos, poderá conseguir muito de seus alunos, porque aprendeu a ensinar com o coração, e não apenas com a inteligência. Mas, se um bom mestre utiliza um bom processo, é evidente que o seu trabalho será mais eficiente, sob todos os aspectos.

Evolução Histórica dos Processos de Ensino da Leitura

Há dois métodos gerais no ensino da leitura: o sintético e o analítico. Cada um desses métodos possui numerosos processos, que vamos estudar.

1. Principais processos do ensino da leitura, filiados ao método sintético.

O método sintético, cujos processos serão aqui examinados, parte da noção de letra para a noção de sílaba, e daí para o conceito de palavra e de frase. Adota, por isso mesmo, a base lógica da indução, em flagrante desacordo com os princípios atuais da psicologia, que consideram a percepção do conjunto anterior à percepção dos elementos isolados (Teoria da Gestalt). De qualquer forma, o estudo dos processos filiados ao método sintético tem significação histórica muito grande, exatamente porque nos mostra a evolução do ensino

da leitura através dos tempos. Vejamos, pois, quais são esses processos, em geral não mais utilizados em nossos dias, mas cujo conhecimento se torna indispensável ao mestre de primeiras letras que deseja estudar o assunto em todos os seus aspectos.

a) Processo alfabético:

O processo alfabético, também denominado processo de sole tração, vem da Antiguidade Clássica, com Dionísio de Hlicarnasso. A Idade Média, igualmente, não conheceu outro processo de ensinar a ler, senão o alfabético. É, por isso mesmo, o mais antigo de todos os processos filiados ao método sintético, Lombardo Radice assim expõe os princípios básicos desse processo:

1. Descrição da forma da letra;
2. Agrupamento das letras por semelhança gráfica ou dificuldade de pronúncia;
3. Silabação: (a famosa cartilha de Tomas Galhardo é por silabação);
4. Palavras difíceis de ler;

5. Estilização de letras, feitas com muito mau gosto;

6. Mudança da ordem alfabética (sob um critério subjetivo de facilidade);

7. Simbolização das letras com figuras (O e era uma orelha de asno na celebre cartilha de Castilho);

8. Ensino das letras por grupos; (Primeiramente, aprende-se bem determinada letra, depois só palavras com essa letra e, somente então, passa-se a outra letra);

9. Leitura mecânica, sem preocupação ortográfica; (Exato, por exemplo, com z, pelo fato de se ter ensinado o z. Castilho empregou este processo).

10. Jogos com letras, sobretudo feitas de biscoitos."**(8)**

0 processo alfabético é o famoso processo b... a, ba; b...e, be; b...i, bi; b... o bo; b... u, bu.

b) Processo fônico:

O processo fônico é simples aperfeiçoamento do alfabético. Foi criado por Valentim Ickerlsamer, século XVI, e aperfeiçoado por Krug e Stephani. Tal processo, segundo J. Budin, apresenta os seguintes antecedentes:

a) A proposta de Basedo no sentido de nomear as letras, dando-lhes exclusivamente o apoio de uma vogal, ba, ca...

b) O objetivo de fazer ler palavras inteiras, sem nomear as letras, à força de repetição.

c) A construção e a análise das palavras; sapato - s, sa, sap, sapa, sapat, sapato; o, to, ato, pato, apato, sapato ..."

Por esse processo, assim deveríamos ensinar aos alunos a palavra manilha, : mê... a, ma; nê...i,ni; lê...h...a,lha.

Note-se ainda que este processo foi defendido pelos pedagogos de Port-Royal, escrevendo Arnauld sobre ele: "Dão-se as consoantes as suas denominações naturais, acrescentando, apenas, um e mudo, indispensável à sua pronúncia.0 b, por exemplo, terá como nome o som que possui na última sílaba da palavra francesa tombe..."**(9)** Note-se, por fim, que esse processo foi longamente difundido no nordeste brasileiro, e ainda hoje há quem ensine por ele.

c) Processo fonomímico:

O processo fonomímico, criado por Grosselin, professor de surdos-mudos, em 1866,e difundido por Goldschmidt, apresenta os seguintes fundamentos:

1. Cada fonema é acompanhado de um desenho, indicador da posição dos lábios, durante a sua prolação;

2. O som fundamental, centro de uma historieta, deve reproduzir uma situação natural. Assim, o fonema fê vem associado ao som fff, que faz um gato enraivecido. **(10).**

Para que se tenha uma noção aproximada desse processo, basta que se recorde o famoso anúncio da Lugollina, em que aparecem quatro moças, cada uma pronunciando uma sílaba, e indicando a posição dos lábios ao pronunciá-la.

d) Processo dos sons normais:

O processo dos sons normais apareceu em 1906, com Eichler. São os seguintes os seus fundamentos:

1. Combinação da leitura com o ensino intuitivo e com o desenho.

2. Base nos sons normais. Os autores que adotam esse método propõem que se ensine da seguinte forma, por exemplo:

P - pia o pintinho.

Z - zumbe a abelha.

R - ronca o porquinho, etc.

e) Processo fonético.

O processo fonético; divulgado principalmente por Otto e Spieser, apresenta os seguintes fundamentos:

1. Início da aprendizagem pelo selecionamento de palavras--chaves;

2.Escolha de vários vocábulos que tenham o som inicial das palavras-chaves;

3. Agrupamento de palavras em famílias;

4.Designação substantiva (O S é sibilador) e verbal (O S é a letra que sibila na língua) das letras. **(11).**

f) Processo da vocalização:

O processo da vocalização, criado por Richard Lange, em última análise, simples decorrência dos processos fonéticos e de sons normais. Esse processo parte do princípio de que a maior dificuldade do ensino da feitura é a ligação das vogais às consoantes. São os seguintes, de acordo com o seu criador, os seus fundamentos: "A essência do mecanismo da leitura consiste na união de uma consoante com uma vogal em uma só imagem sonora."**(12).** Para Lange, com efeito, se apresentarmos a uma criança as letras ma, reunidas em sílaba, haverá uma tendência natural para que se pronuncie emea ou mea. Por isso mesmo, o autor do processo acha que devemos fazer acompanhar de um som cada nome de letra. Desse modo, a letra S deve ser apresentada como salvadora, como roncadora, etc. Manda, por exemplo, que se leia a palavra sofá do seguinte modo: "silfo o o e sopre o a ".**(13)**

g) Processo de silabação:

O processo da silabação, sem dúvida a mais adiantada fase do método sintético, é bem um precursor do método analítico. Em vez de partir da letra para a sílaba, e da sílaba para a palavra, parte das sílabas para os vocábulos, sem estudar, isoladamente, nem as letras, nem os sons. Há, por isso, quem considere o processo da silabação como a primeira fase do método analítico, tudo dependendo da noção que se tenha de todo ou de conjunto: para uns, com efeito, é a sílaba o todo; para outros, a palavra; e, ainda, para terceiros, a frase e até o texto. Esse processo, muito difundido em nossas escolas primárias, ainda hoje possui grande número de prosélitos e seguidores.

O Método analítico e seus processos

Se, por um lado, o método sintético peca por ser antinatural, anti-psicológico e anti-pedagógico, já que vai das partes para o todo, ou seja, dos elementos abstratos, que são as letras e os fonemas, para os elementos concretos, que são as palavras, - o método analítico, por outro lado, baseado na percepção sincrética do aprendiz, parte do conjunto para os elementos isolados, não apresentando, assim, o erro do anterior. Dito de outro modo: o sintético apresenta base lógica, com o predomínio da indução, enquanto o analítico apresenta base psicológica, com o predomínio da dedução. Vejamos, a seguir, quais os principais processos que integram o método analítico:

1. Processo da palavração.

O processo da palavração, também chamado processo natural ou de palavras normais, surgiu com José Jacotot, em 1822. É a primeira fase do método analítico, método simples e natural, como vamos ver, examinado os seus princípios:

a) Escolha de palavras geradoras, em geral dissílabos, nas primeiras lições;

b) Associação de desenhos às palavras geradoras;

c) Escrita e decomposição das palavras geradoras em seus elementos silábicos;

d) Formação de novos vocábulos com os elementos silábicos desmembrados;

e) Leitura e escrita dos novos vocábulos, formados com os elementos silábicos anteriormente desmembrados;

f) Agrupamento de palavras já estudadas em frases e orações.

A grande inovação que trouxe consigo o processo de palavração foi exatamente esta: dar início à aprendizagem da leitura, partindo de palavras inteiras, em absoluta conformidade com os princípios da psicologia. Com efeito, a letra isolada não pode significar coisa alguma para o aprendiz, enquanto palavras inteiras encerram, em si, significados próprios, Além disso, a associação das palavras, ditas geradoras, a desenhos, reforça a compreensão do que elas significam. Por fim, o processo se ajusta as exigências da psicologia contemporânea, que considera a percepção do conjunto anterior à percepção dos elementos isolados. Tinha razão, pois, Amélio Hamaide, quando declarava que, quando apresentamos uma fotografia, de alguém, não começamos pelos seus elementos isolados, isto é, pela boca, orelhas, etc., mas sim pelo conjunto. As particularidades somente mais tarde serão observadas. **(14)** Queremos dizer: a verdadeira aprendizagem parte do sincretismo para o sintetismo através do analitismo, conforme a psicologia da "gestalt". o processo da palavração, a nosso ver, é o que melhor se ajusta ao ensino supletivo.

2. Processo da sentenciação

O processo da sentenciação, também denominado processo de frases completas, apareceu em 1909, com Malisch Ratibor, professor de surdos-mudos. Tem, como ponto de partida, uma sentença inteira, apresentando as seguintes etapas: a) frase; b) palavra; c) sílaba; d) letra; e) nova sílaba; f) nova palavra; g) emprego em frases das palavras já conhecidas. Trata-se, no entanto, de processo que reclama grande aperfeiçoamento técnico do professor, pois que, se for mal empregado, levará a classe à decoração de palavras e até de frases inteiras. E tudo isso, já se vê, afasta toda e qualquer possibilidade de análise, que é o seu principal fundamento. Apresenta bons resultados em classes seletivas, com alunos superdotados. Não o aconselhamos para o ensino supletivo, onde não há classes seletivas.

3. Processo ideo-visual.

O processo ideo-visual, também conhecido pelas denominações de visual-natural e visual-ideográfico, foi criado por Ovídio Decroly, em 1904. Apresenta quatro fases características:

a) Fase de iniciação - com aplicação de testes de memória e atenção visuais, em primeiro lugar. Em seguida, o professor deverá escrever ordens diversas em cartões, ordens naturalmente relacionadas com os centros de interesse da ocasião. Ex.: dê-me a pera; ponha a pera sobre a mesa; corte a pera ao meio; coma a metade da pera; dê a outra metade a Ana, etc.**(15)** Assim, a iniciação da leitura se faz sob a forma de ordens, em situação funcional de atividade lúdica, e, por isso mesmo, em função dos interesses próprios e naturais da criança.

b) Fase de comprovação e de amplificação.

Emprego de cartões idênticos ao da fase anterior, no mesmo ambiente de atividade lúdica. Os exercícios, porém, são mais adiantados, como nos mostra o seguinte exemplo: escrita do nome de todos os alunos da classe em tiras de papel, para que a criança reconheça o seu próprio nome, o nome de seu colega mais próximo, e, em breve, o de toda a classe.

c) Fase de elaboração.

Durante a fase de elaboração, a criança emprega palavras já conhecidas, na formação de sentenças.

d) Fase de decomposição.

Esta fase consiste no reconhecimento de palavras iguais em várias sentenças, e, em seguida, de sílabas iguais em várias palavras. Ex.:reconhecer a palavra mesa nas seguintes sentenças: a mesa é do professor; a mesa é bonita; eu também tenho uma mesa, etc. Outro exemplo: reconhecer a sílaba ma nas seguintes palavras: Amála, amarelo, mala, maleta, etc.

O processo de Decroly dá grande importância à função visual e à leitura silenciosa. É um processo analítico, assim justificado por Hamaide: "A frase concreta, simples, é preferível à letra ou à sílaba abstrata, desprovida de significação. Não nos esqueçamos de que o som e a letra são as últimas expressões do trabalho de análise, feito pelo espírito humano".**(16).**

Este processo, elaborado em função dos interesses próprios da criança, não se ajusta ao ensino supletivo de adolescentes e adultos, pois os interesses aqui são outros.

Concluindo, somos de opinião que o melhor processo para o ensino supletivo é o da palavração, filiado, como vimos, ao método analítico.

Evolução histórica dos processos de ensino da escrita

Há numerosas teorias e investigações sobre a origem da escrita, como assinala Vendryes, em seu conhecido trabalho sobre a linguagem **(17).** Não é objeto deste nosso estudo, porém, sistematizar todas essas teorias, porque o escopo principal, que temos em mira, consiste em estudar a evolução histórica dos principais processos do ensino da escrita, defendendo os melhores. E esses processos, a bem dizer, são recentes, datando das épocas moderna e contemporânea, como esclarece a prof.ª, Orminda Marques:" A generalização do ensino da escrita, como da leitura, é fato muito recente, razão por que o seu histórico pode dizer-se que é da época moderna e contemporânea". E, mais adiante, escreve ainda:" Saber escrever não representava, nesse tempo ,dever maior para os que ocupavam postos de responsabilidade, Apontam-se reis e rainhas que não souberam utilizar-se da pena; Carlos Magno aprendeu a escrever já adulto; os cavaleiros manejavam com mais gosto e destreza a espada do que a pena, e tinham, quando necessário, escribas ou secretários, Ainda no século XVII, as pessoas do povo, em sua maioria, firmavam os documentos desenhando três cruzes para significar que atestavam o consignado em nome de Deus-Pai ,Filho e Espírito Santo". **(18).**

Passemos, pois, a examinar os diferentes processos para o ensino da escrita, todos eles relativos a Época moderna e contemporânea, de acordo com a seguinte classificação, proposta por Orminda Marques **(19):**

1. Processos empíricos ou de simples cópia;

2. Processos baseados na transferência da aprendizagem dos movimentos repetidos da escrita;

3. Processos baseados na eficácia de um tipo ou modelo de letras;

4. Processos de aplicação dos princípios gerais da moderna psicologia da aprendizagem".

Os primeiros desses processos, denominados empíricos ou de simples cópia, surgiram, naturalmente, por simples imitações. São processos que consistem em apresentar aos alunos um determinado modelo, mandando que eles o copiem e recopiem. Tal modelo pode ser impresso, escrito pelo professor no quadro-negro, ou, então, em cadernos e cartões. São, como se nota, processos bem rudimentares, desprovidos de qualquer motivação especial, a ponto de o mestre chegar a ausentar-se da sala de aula, por ser desnecessária a sua presença, durante os enfadonhos trabalhos de cópia.

O segundo tipo reúne os processos baseados no falso princípio da transferência absoluta dos movimentos da escrita. São exercícios característicos desses processos: *o debuxo para cobrir e a cópia em papel transparente*, a fim de que o aprendiz, através da repetição e da transferência da aprendizagem, possa adquirir o hábito de escrever. Tal prática, no entanto, já foi inteiramente ultrapassada, pois que a transferência, longe de ser absoluta, é apenas relativa, e em alguns casos. **(20)**

O sistema de *mecanoletra*, também filiado ao falso princípio de transferência absoluta do movimento da escrita, apareceu no Uruguai, com o Prof. Copetti,e m 1930. Sobre esse sistema, escreve Orminda Marques: "Ao invés de debuxo, o professor Copetti preconiza o emprego de chapas de papelão, como fôrmas ou máscaras. Há um jogo de cartões, que apresentam em recorte os elementos fundamentais da escrita. Quando o professor julgar oportuno, levara as crianças a escreverem sobre a pauta".

O *Sistema de Montessori*, a famosa educadora que idealizou as *Case dei Bambini,* também se filia aos processos que admitem o falso princípio da transferência absoluta dos movimentos da escrita. Com bom efeito, assim se exprime Montessori sobre o seu processo: "o ato de escrever uma palavra apresenta dificuldades de ordem mecânica, v.g., suster um instrumento de escrita e manejá-lo com desembaraço; há, depois, outra dificuldade mecânica motriz, que consiste em conduzir a mão de tal modo que reproduza a forma das letras necessárias a composição da palavra. Dificuldade de outro gênero consiste em coordenar as letras, umas depois das outras, de modo que componham precisamente a palavra buscada, e que dela resulte um sentido; esta é uma operação de inteligência, que se realiza perfeitamente independente do ato mecânico de tragar a escrita. Se considerarmos outro ato da cultura, chegaremos mais ou menos ao mesmo resultado: cada um dos atos é criação de várias atividades do organismo. A separação, possível até certo limite, dessas dificuldades é o que chamamos "análise". A análise não é, assim, um estudo teórico desses vários elementos, mas a discriminação prática, que servirá para nos conduzir e guiar no campo da educação. Para que cada elemento se organize, necessitamos de um exercício completo, de tal modo que subsista por si só. Para esclarecer o assunto: pode se preparar o movimento de manejo do instrumento da escrita com desenhos coloridos, variadíssimos, desenvolvidos em vista da arte decorativa, sem que, com isso, se suspeite preparar um elemento fisiológico da escrita. Preparamos a capacidade de traçar as letras do alfabeto, ensinando a criança a traçar com os dedos formas alfabéticas de papel de lixa, recortadas e preparadas em papel liso ...Finalmente, para compor as palavras, há alfabetos de letras móveis, que a criança colocará uma atrás da outra até formar a palavra". (**21).**

Processos baseados na eficácia de um tipo de letra por si só.

O primeiro desses processos, segundo o trabalho já mencionado de Orminda Marques, é o da caligrafia vertical, idealizado por George Sand. Tal sistema, partindo do princípio de que, posta a criança em posição correta, a escrita só pode ser de um tipo: vertical, com letras arredondadas.

O segundo sistema, filiado ao princípio da *eficácia de um tipo de letra por si só*, é conhecido pela denominação de Sistema *Tipográfico de Budges*, por ser criado por Miss Budges, na Inglaterra, autora do livro "*Parents National Education Union*". Tal sistema, como se depreende do próprio nome, recomenda a prática da letra tipográfica, em lugar da letra de tipo cursivo.

O terceiro sistema é o de *Simon*, simples variante do *Sistema Tipográfico*, sugerido, em França, por *Mme. Simon*. Tal sistema apresenta as seguintes características gerais: tipo misto de letra, isto é, letra de imprensa e letra cursiva, além da classificação das letras em grupos, para facilitar a aprendizagem. Assim, as letras e são classificadas em sem haste (as formadas por traços horizontais e verticais, ligadas em ângulo reto) e as com haste (as formadas de círculos, combinados com traços, e todas feitas da esquerda para a direita, com exceção da letra c). **(22).** Convém notar que Mme. Simon aplicou o seu sistema ao ensino de crianças e ao ensino de adultos. Indiferentemente.

4. Processos de aplicação dos princípios gerais da psicologia da aprendizagem.

A psicologia, aplicada à educação, deveria provocar, como consequência natural, o aparecimento de novos processos para o ensino da escrita, todos Eles com mais rigorosa orientação científica. Tais processos são: 1. de Sutterlin; 2. de Kuhlmann; 3. de Hulliger e 4. Sistema muscular de Freeman. Façamos ligeira apreciação sobre esses processos:

1. *Processo de Sutterlin*

O processo de Lufs Sutterlin surgiu na Áustria, partindo do princípio de que a escrita deve ser, antes de tudo, um adorno. Assim, admite possa o ensino da escrita concorrer para a formação do senti mento estético do aprendiz. Sobre o assunto, observa Orlando Leal Carneiro: "Sutterlin, Seguindo Goethe, começa pelas maiúsculas latinas, letras das inscrições, das quais surgiram os tipos atuais. Tais letras são facilmente reconhecidas pelas crianças, pois estão nos anúncios, nas placas das ruas, em toda parte. Seu método é simultâneo com a leitura."**(23)** Observa ainda o referido autor que as letras, nesse processo, devem ser ligadas por tração, e não por pressão, sendo condenada a pena ponteaguda. Há trabalhos que preparam o ensino da escrita, que se resumem em desenhos, trabalhos manuais e ginástica. O tipo de letra, recomendado pelo Processo de Sutterlin, é o vertical.

2. *Processo de Kuhlmann*

O processo de Kuhlmann apareceu na Alemanha, em 1916, como consequência de experiências realizadas pelo seu inventor em 1912, apresenta o seguinte princípio geral: "Em liberdade, pela liberdade e para a liberdade". Já se vê, por ai, que tal princípio assegura plena liberdade ao aprendiz, que pode criar e desenvolver um tipo subjetivo de escrita. Combate, por isso mesmo, o sistema de cópia e o de reprodução, colocando o princípio da individualidade do aluno em primeiro plano. Condena ainda o sistema de modelos, partindo da escrita de palavras em caracteres romanos, com letras maiúsculas e minúsculas.

3. *Processo de Hulliger*

O processo de Hulliger, que apareceu em 1918, na Suiça baseia-se, sobretudo, nos princípios gerais da psicologia infantil. Hulliger deu especial importância a forma das letras, criando modelos especiais, bem como um tipo de alfabeto, com traços retos e rápidos, e

curvas de traçado mais lento. A aprendizagem, de acordo com Hulliger, deve iniciar-se com a escrita de caracteres de imprensa maiúsculos, passando a minúsculos, até chegar à letra cursiva, inclinada para a direita, por reconhecer maior rapidez nesse último tipo.

4. *Sistema muscular de Freeman*

O *Sistema Muscular de Freeman*, excelente processo para o ensino da escrita, parte do seguinte princípio: "a escrita deve ser cursiva, inclinada para a direita, sem talhe, simples, ligada por traços obtidos por tração e não por pressão". Esse sistema foi experimentado, com admirável êxito, na escola primária do Instituto de Educação, pela professora Orminda Marques. **(24)**

A primeira fase do sistema muscular de Freeman, segundo a experimentação acima mencionada, transcorre no quadro negro. **(25)** Em seguida, há exercícios especiais, apresentado sob a forma de dramatizações escolares, a fim de proporcionar um ambiente de atividade lúdica, desejado pela criança. 0s exercícios preparatórios musculares são de grande importância, e muito facilitam a aprendizagem rápida e eficiente da escrita, como demonstrou cabalmente a experiência brasileira, realizada no Instituto de Educação. Convém notar ainda que, em conformidade com o método da caligrafia muscular de Freeman, a posição do corpo e do braço do aprendiz deve ser cuidadosamente observada, como demonstra Orminda Marques, na página 89 de seu livro, a que já nos referimos. Por fim, achamos importante transcrever a seguinte observação dessa autora: "Não devemos começar o ensino da escrita pela letra isolada; ela nada significa para a criança. Partir da palavra, ou melhor, da frase ou sentença é permitir desde o início uma ligação íntima entre a escrita e a leitura e, se esta for bem orientada, com o pensamento expresso."**(26)**.

Aliás, José D. Forgione, em seu livro "*La Lectura y La Escritura por el Mêtodo Global*", demonstra, fortemente, através de experiências que realizou, a veracidade da conclusão a que chegou Orminda Marques, por processos igualmente experimentais. Forgione iniciou uma aula de escrita pedindo que os alunos escrevessem a seguinte frase: "*Yo voy a la escuela*" e, em seu trabalho, publica clichês que reproduzem os exercícios iniciais dos alunos. Por Esses exercícios, notamos que, no início da aprendizagem, são irreconhecíveis as palavras de que se compõe a pequena sentença. Com algumas semanas, no entanto, toda classe escreve de modo legível. **(27)**. Não há dúvida, pois, quanto a superioridade do método analítico sobre o método sintético, quer no ensino da leitura, quer no ensino da escrita, método já plenamente comprovado por experiências nacionais e estrangeiras. O processo de Freeman, a nosso ver, tanto se ajusta ao ensino de criança e, como ao ensino supletivo de adolescentes e adultos.

5. *O ensino simultâneo da leitura e da escrita*

Será oportuno ressaltar, em item especial, que o ensino da leitura deve processar-se simultaneamente com o ensino da escrita. Sobre o assunto, escreve Lourenço Filho: "Modernamente, 'a simultaneidade do aprendizado das duas técnicas é ponto pacífico em didática, e sua prática, universal. Leitura e escrita se adquirem juntas, em menor prazo, com mais economia e segurança, que separadas. A explicação, como veremos a seguir, é simples: leitura e escrita estruturam-se em comportamentos de base motriz, *em atividades*, por parte do aprendiz. A leitura não é, como se pensou, por muito tempo, simples jogo de *fixação de imagens* visuais e auditivas. Ler é uma atividade, não só em sentido figurado: é reação, desde a visão das formas das palavras, das frases ou sílabas, até a expressão final, em linguagem oral *(leitura expressiva)*, ou em linguagem interior *(leitura silenciosa)*."**(28)**

6. *Leitura silenciosa e leitura oral*

Convém notar, por fim, que, sendo a compreensão do que se lê objetivo máximo do ensino da leitura, os exercícios de leitura silenciosa são de todo indispensáveis. A leitura oral e expressiva, conquanto que necessária, está em plano inferior, e somente deve ser exigida após os exercícios de leitura silenciosa. Com efeito, na vida de cada um de nós, aprendemos a ler para nós mesmo, isto é, silenciosamente, sendo raras as vezes em que temos necessidade de recorrer à leitura oral e expressiva. De uma forma ou de outra, no entanto, continua sendo a compreensão o objetivo de uma leitura, fato que levou John Dewey a observar que *poder ler é diferente de saber ler*. Somente *sabe ler* quem está em condições de reproduzir o que leu, demonstrando assim que atingiu o objetivo principal da leitura, que é a ex-compreensão. **(29)**. Se não é capaz disso, apenas *pode ler*, mas ainda não *sabe ler*.

7. *Por que lêem as crianças e os adultos?*

Num interessante estudo, organizado por Mary E. Pennel e Alice M, Cusack, **(30)** são os seguintes os motivos que levam as crianças e os adultos à leitura:

a) *Pelo desejo de conhecer*. A leitura, realmente, possibilita-nos o aumento diário de novos conhecimentos;

b) *Por necessidades profissionais*. De fato, não há nenhuma profissão que dispense a leitura, como instrumento que é de aquisição de conhecimentos úteis e indispensáveis à eficiência de nossas atividades;

c) *Por prazer*. Todos nós necessitamos de certos momentos de repouso espiritual na luta pela vida. E o encanto da leitura nos traz esta satisfação, preenchendo utilmente as nossas horas de lazer. Houve até quem afirmasse: "um quarto de hora de leitura consola-me de qualquer desgosto";

d) *Para a satisfação de desejos não realizados*. As atribuições da vida não nos permitem realizar todos os nossos desejos. E quantas vezes, lendo livros de viagens a países que desejaríamos visitar, de certo modo não realizamos esta viagem, acompanhando a narração do autor?

e) *Para maior compreensão da vida*. Todos nós desejamos compreender a vida, sob todos os seus aspectos. E só a boa leitura nos dá conhecimento de todos os progressos da civilização e da raça humana;

f) *Para orientação da conduta*. A boa leitura, através de seus exemplos significativos, também concorre para auto-modificar o nosso comportamento. E quem diz auto-modificação do comportamento, em última análise, diz educação.

Tais motivos, capazes de despertar interesses, entre os adolescentes e adultos, pela leitura, também são válidos para as crianças. A diferença e simplesmente de grau, como nos mostram os estudos de psicologia que estabelecem as distinções existentes entre os interesses da criança e os interesses dos adolescentes e dos adultos.

5. *Conclusão*

Pelo exposto, é fácil verificar-se a tese que o autor defende: O processo mais indicado para o ensino da leitura, no curso supletivo, é o da palavração; e os processos aconselháveis para o ensino da escrita são os que se fundamentam nos modernos princípios da psicologia da aprendizagem, preferencialmente o de Freeman. Defende, por fim, o ponto de vista de que o ensino da leitura e da escrita devem processar-se simultaneamente, pelas razões que aduz no corpo da tese apresentada.

Conclusões

O processo da palavração, também chamado processo natural ou de palavras normais, que julgamos o melhor para o ensino da leitura em turmas de adolescentes e adultos do curso supletivo, inegavelmente goza de grande prestígio na aprendizagem da leitura, como foi ocorrer com todos os processos analíticos. Além disso, é um processo que se ajusta admiravelmente as investigações mais avançadas da psicologia da aprendizagem, como são as investigações da psicologia da "*gestalt*", que têm em Koellher e Koffka os seus pioneiros. Tais investigações demonstram, através de experiências universalmente conhecidas, que a *percepção do conjunto* prevalece sempre sobre a *percepção dos elementos isolados*. Queremos dizer: após a *percepção de conjunto*, e por isso mesmo, é que se passam a relacionar, entre si, os *elementos desse conjunto* com o *todo*. E a esse processo psicológico dá-se a denominação de "*insight*" ou discernimento, base de toda e qualquer aprendizagem.

No caso particular do ensino da leitura, pelo processo de palavração, parte-se de um determinado número de palavras, denominadas *geradoras*, e que representam *um conjunto, um todo*. Essas palavras, ditas geradoras, costumam vir associadas a desenhos, que representam os seres e objetos por elas designados. Assim, o aluno percebe, inicialmente, o *conjunto* o todo, que são as *palavras geradoras*. Intimamente associadas aos desenhos, e daí, então, passa a relacionar, entre si, *os elementos desse conjunto*, através da decomposição silábica das palavras geradoras. Tais palavras são, em geral, dissílabas, pelo menos nas lições iniciais, para que haja redução nos elementos do conjunto e, em consequência, mais fácil trabalho de análise e mais fácil discernimento. Por fim, com os elementos silábicos desmembrados, e já conhecidos, o aluno facilmente irá formando novos vocábulos, como demonstramos em nosso *Guia de Leitura*.**(31).**

É, como se vê, um processo filiado ao método analítico, que considera o vocábulo como um *todo*, desmembrando-o, a seguir, em sílabas, com que se formam novas palavras. E não data de hoje será bom advertir, o processo de palavração, pois que já era empregado por *Jacotot,* em 1822, e, daquela época aos nossos dias, muitos livros de leitura foram escritos, universalmente, sob a orientação de seus princípios.

Devemos frisar, ainda, que o ensino da leitura deve processar-se simultaneamente com o ensino da escrita. Será da máxima importância, pois, que, desde os primeiros dias de aula, o professor leve a classe a iniciar-se, também, no ensino da escrita, através de exercícios apropriados. Para isso, apresentamos, a seguir, algumas sugestões, baseados no método da caligrafia muscular de Freeman.

Sugestões para o ensino da escrita:

1. É aconselhável, antes de dar início ao ensino da escrita, levar a classe a fazer exercícios preparatórios musculares, à semelhança dos exercícios sistemáticos de Freeman. O ensino da escrita deve iniciar-se juntamente com o ensino da leitura.
2. Dá-se início, em seguida, ao ensino da escrita, partindo de palavras ou de pequenas sentenças. A letra isolada não significa nada para o aluno.
3. Não importa, como observa Forgione, **(32)** que a escrita da palavra ou da sentença, feita pelo aluno, seja inicialmente ilegível. Com o tempo, todos estarão escrevendo legivelmente.
4. A escrita deve ser cursivo, apresentando letras inclinadas para a direita, sem talhe e ligadas por tração, como propõe Freeman.
5. A posição do corpo e do braço do aprendiz deve ser cuidadosamente observada, bem assim a posição do papel.

Material a ser utilizado

1º ano ou curso preliminar - Papel comum sem pauta de bloco no início da aprendizagem, medindo aproximadamente 21 x 16 cm. No segundo período, papel de pautas simples com idênticas dimensões, apresentando, entre as pautas, uma distância aproximada de 15 mm. Lápis tipo Faber nº 2, em ambos os períodos.

2º ano - No início do 2º ano, deve-se utilizar o mesmo material indicado para o 1º. No segundo período, indica-se papel de pautas simples, medindo 23 x 21 cm, e apresentando, entre as pautas, uma distância aproximada de 10 mm. Lápis tipo Faber, nº 2.

3º, 4º e 5º anos - Início do uso de tinta (caneta-tinteiro, preferencialmente), e emprego do mesmo material, já indicado para o segundo período do 2º ano. **(33).**

Vê-se, por conseguinte, que adotamos o processo da *palavração* para o ensino da leitura no curso supletivo. Convém notar, no entanto, que, a certa altura, análise e síntese de alternam e se confundem em qualquer processo, e nem seria possível evitar que isso ocorresse. Análise e síntese são processos lógicos do pensamento, Intimamente relacionados: enquanto um, partindo do todo, chega aos elementos desse todo, o outro representa a reconstituição lógica dos elementos desmembrados. Assim, os processos analíticos, quer o da *palavração,* quer o da *sentenciação*, em certo ponto, são obrigados a recorrer à síntese, para a reconstituição lógica dos elementos silábicos desmembrados. Quando, por qualquer dos dois processos analíticos anteriormente citados, se chega à noção de sílaba, e daí se parte para a formação de novos vocábulos, é um trabalho de síntese, e não mais de análise, que se realiza. O importante, porém, e não começar pela síntese para atingir a análise, por ser este um método anti-natural e anti-psicológico. Mas isso não impede, como ressaltamos, que, após a análise, se recorra à síntese, para a reconstituição lógica dos elementos desmembrados. Assim, o caminho natural é o da análise, *principalmente em virtude da percepção sincrética do aprendiz*, e não o da síntese, como se pretendeu durante longo tempo. A marcha, para a verdadeira aprendizagem, parte do sincretismo para o sintetismo, através do analitismo. **(34).**

Mas resta observar, finalmente, que, por mais perfeito e acabado que seja o processo de ensino, de nada valerá se o mestre que dele se utiliza não tem vocação para o magistério. Ao contrário: por mais deficiente que seja um processo de ensino, se utilizado por um bom professor, dará os melhores resultados, exatamente porque os bons mestres aprenderam a pôr em sua atividade docente dado o idealismo e toda a força criadora de sua inteligência e de seu coração. No entanto, será bom sublinhar o que acentuamos linhas atrás: *se um bom mestre utiliza um bom processo, é evidente que e seu trabalho será mais eficiente, sob todos os aspectos.*

NOTAS:

(1) Cf. M.B. Lourenço Filho, Testes A B C, 4ª Edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo, pág.11, São Paulo, 1952.

(2) Segundo dados de um inquérito, realizado pela "Bureau International d'Éducation" de Genebra, verifica-se que as provas psicológicas mais empregadas nos países latino-americanos são os testes de Binet-Simon e o ABC.

(3) Cf. M.B. Lourenço Filho, Testes A B C, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 4ª edição, 1952. V. material para aplicação, incluso na 4ª edição do livro.

(4) Cf. M.B. Lourenço Filho, publicação nº 4 da Campanha de Educação de Adultos, pág. 4, M.E.C., Rio.
(5) Cf. M.B. Lourenço Filho, Publicação nº 4 da Campanha de Educação de Adultos, pág. 4, M.E.C. Rio.
(6) Apud Ad. Ferriere, A Escola por Medida, pelo Molde do Professor, trad. para o português de Vitor Hugo Antunes, Editora Educação Nacional, Porto -Portugal, 1934, pág. 40.
(7) Cf. Lourenço Filho, Obra citada, pág.14.
(8) Apud Orlando Leal Carneiro, Metodologia da Linguagem, volume 1 da Biblioteca de Cultura Pedagógica da Livraria Agir,1951, pág. 136.
(9) Cf. J.Budin, Metodologia da Linguagem, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1949, pág.63.
(10) Apud J. Budin, obra citada, pág. 64.
(11) V. José D. Forgione, La Lectura y la Escritura por El Método Global, páginas iniciais do livro, Editor: "El Ateneo", Buenos Aires, 1950.
(12) Apud J. Budin, obra citada, pág.66.
(13) Cf. Orlando Leal Carneiro, obra citada, pág.138.
(14) Cf. Amélie Hamaide, O Método Decroly, trad. portuguesa de Alcina Tavares Guerra, segunda edição aumentada, F. Briguit & Editores, Rio,1934.
(15) Cf. Amélie Hamaide, obra citada, pág.154.
(16) Cf. Amélie Hamaide, obra citada, pág.143.
(17) Referimo-nos ao livro Le langage, de J. Vendryes, Éditions Albin Michel, 1950.
(18) cr. Orminda I. Marques, A Escrita na Escola Primária, Edições Melhoramentos, 2ª edição, 1950, pág. 38 a 39.
(19) cr. Orminda Magques, obra citada, págs. 46 e 47.
(20) Sobre o assunto, V. Gates, A.I., Psicologia para Estudantes de Educação, trad. portuguesa de Noemy da Silveira Rudolfer, 22º volume, Edição Saraiva, São Paulo,1 939, Capítulo XIII.
(21) Apud Orminda Marques, obra citada, págs. 48 e 49. V. também Lourenço Filho, Introdução do Estudo da Escola Nova, Edições Melhoramentos, obra em que se encontra um estudo crítico sobre o Sistema Montessori.
(22) Cf. Orminda Marques, obra citada, pág.53.
(23) cf. Orlando Leal Carneiro, obra citada, pág.171
(24) Cf. Orminda Marques, obra citada.
(25) Observem que há professores que só dão a cartilha ao aluno, depois que este aprendeu a ler, através de exercícios no quadro. Em geral, o dia da entrega da cartilha oferece motim para interessante festa escolar, denominada "A festa do Livro".
(26) cf. Orminda Marques, obra citada, pág 88
(27) Cf. Jose D. Forgione, obra citada págs.
(28) Cf. Lourenço Filho, Testes A B C, pag. 33, edição já mencionada.
(29) Cf. John Dewey, Como Pensamos, Trad. para o português de Godofredo Rangel, Companhia Editora Nacional, 1933.
(30) Cf. Mary E. Pennell e Alice M. Cusack. Como se ensina a leitura, edição da livraria do Globo - Porto Alegre.
(31) Cf. Azevedo Filho, Leodegario Amarante de: Guia de Leitura, Rio, 1953.

(32) Cf. Forgione, José D., La Lectura y La Escritura por el Método Global, Editor "E1 Ateneo", Buenos Ayres,1950.
(33) Cf. O Marques, Orminda I., A Escrita na Escola Primária, 2ª edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1950.
(34) Cf. Ferraz, João de Souza: Teorias gerais sobre aprendizagem, in Noções de Didática Geral e seus Fundamentos, publicação da C.A.D.E.S., M.E.C., Rio, 1958.